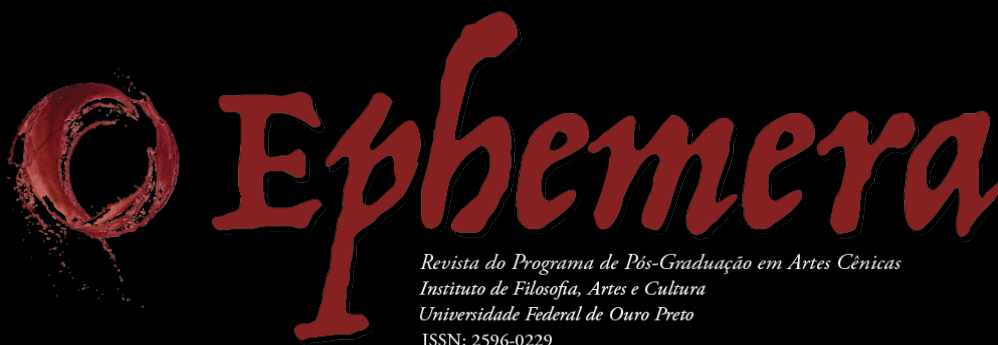




**SOBRE A PERMANÊNCIA DO EFÊMERO:
apresentação do Dossiê “Poéticas Negras e Periféricas
no contexto da América Latina” - 2**

ON THE PERMANENCE OF THE EPHEMERAL:
presentation of the Special Issue “Black and Peripheral Poetics
in the Latin America context” - 2

Altemar Di Monteiro

 <https://orcid.org/0000-0002-1633-3235>

Anderson Feliciano

 <https://orcid.org/0009-0006-1693-8070>

Soraya Martins

 <https://orcid.org/0000-0003-4118-7660>

 doi.org/10.70446/ephemera.v9i18.8504

Sobre a permanência do efêmero:

apresentação do Dossiê “Poéticas Negras e Periféricas no contexto da América Latina” – 2

“Observem as faíscas da brasa, o calor que emana do pensamento negro contemporâneo. Sintam as sombras do escuro que nos rodeia. Deixemos os vestígios nos moverem, catando em cada movimento a possibilidade ardente de um outro mundo” – foi assim que anunciamos o primeiro volume do Dossiê Performatividades Negras, lançado em dezembro de 2025. No volume anterior, afirmávamos que a chama do encontro entre corpos negros não se apaga, que é necessário manter a atividade no abano. Neste segundo volume, queremos retomar essa imagem, aquecê-la sem com isso acender um sentimentalismo incendiário. Não podemos esquecer, como bem lembra Achille Mbembe (2018), que mesmo a crítica estética ao colonialismo não rompeu inteiramente com o mito de que no “sangue negro” residiriam instinto, exaltação e uma profusão de fogo: aquilo que o racista francês Arthur de Gobineau chamou de “brilhos, exaltações e irreflexão”. A associação entre negritude e irracionalidade ardente atravessou tanto os discursos raciais quanto segue alimentando certas respostas anticoloniais que, por vezes, buscam reverter o estigma sem desarmar sua lógica. Se o fogo foi reiteradamente projetado como essência, vigor selvagem, reserva primária de sensibilidade, “princípio melaniniano” que se anima como “fonte de inspiração para as artes”, talvez seja preciso interromper essa constância e perguntar que chama é essa que insistimos em abanar.

Propomos neste segundo volume, então, pensar outros fogos. Talvez um *fogo fátuo*, como aquele que o Grupo de Pesquisa Negruras acionou em sua montagem de 2025: chama que aparece e desaparece, vestígio que salta da negritão do mundo em sua instabilidade, alimentada pela matéria orgânica desta terra e pelas relações infundáveis entre humanos e não humanos, vida e não vida. Não um fogo permanente, nem tomado de irracionalidade, recheado de mitos e estereótipos coloniais, mas um fogo que cresce na oscilação, no tropeço, no entrelaçamento de tudo o que existe, na fratura da razão universal que separa razão e emoção. Um fogo que não reivindica essência alguma, que não se fixa como identidade ardente, mas que opera como acontecimento, abrindo fissuras para perceber o mundo e reimaginar as poéticas negras apesar da gramática colonial que tentou capturá-las.

Este segundo volume cresce diretamente das atividades de pesquisa do Grupo de Pesquisa Negruras, da UFMG, onde Altemar Di Monteiro e Anderson Feliciano vêm trabalhando de modo continuado sobre essas imagens do fogo fátuo, do tropeço e do vestígio como operadores críticos para pensar as poéticas negras contemporâneas. A esse percurso soma-se, agora, a contribuição da professora doutora Soraya Martins, da Unespar, cujo olhar crítico, forjado no âmbito do projeto Teatralidades da Negrura - no qual investiga as contemporâneas teatralidades negras na sua pluralidade estética, na sua implicação política e em modos outros de reencenar a experiência negra na diáspora -, que desenvolve no sul do país, amplia o campo de interlocução e tensiona ainda mais as imagens que mobilizamos. Assim como na primeira parte do dossiê, esta



edição também se constrói a partir da fabulação como método, por meio de uma mirada coletiva que elabora um presente turvo para refletir sobre a produção negra contemporânea. Atentos às manifestações secretas, sinuosas e fugidias desse fogo fátuo, seguimos observando os vestígios e organizando cada artigo como notas, em diálogo com James Baldwin e Christina Sharpe, fazendo ver na experiência negra aquilo que há de comum, violento, contraditório e belo.

A abertura do segundo volume de nosso dossiê desembarca no palco dos anos 1960. “Dramas afro-atlânticos”, de William Santana Santos e Guilherme Diniz, acompanha a montagem de *Blues for Mister Charlie*, de James Baldwin, pelo Grupo Teatral do Negro em 1966. Em plena Ditadura Civil-Militar, a cena paulista se liga a Nova York, costurando um Atlântico Negro como trânsito concreto de ideias, urgências e insurgências. Para Guilherme Diniz, *Blues for Mister Charlie* constituiu um significativo marco político e estético ao ecoar o pensamento de um dos intelectuais afro-americanos mais importantes e combativos do século XX, aproximando as resistências negras do Brasil e dos EUA.

Nesses trânsitos dramaturgicos, direto do sul do país, o artigo seguinte, “Dramaturgia da pele escrita”, de Dênis Moura de Quadros, propõe uma análise da performance *Preta poesia feminina* (2021), idealizada e encenada por Sílvia Duarte, à luz do conceito de inscitura. O artigo busca compreender de que modo a obra articula corpo, memória e ancestralidade como práticas estéticas e políticas de enunciação, demonstrando que a cena constrói uma escritura coletiva e insurgente, em que o corpo negro feminino se inscreve como superfície simbólica de resistência e reexistência.

É neste ponto que “Ensaio epistolar para Macala” retorna ao arquivo colonial para incendiá-lo por dentro. A carta de Hildália Fernandes Cunha Cordeiro e Livia Maria Costa Sousa endereçada à mulher negra fotografada por Marc Ferrez e rebatizada por Luciany Aparecida busca reabrir o tempo para girar em espiral. Em diálogo com Saidiya Hartman, Audre Lorde, bell hooks, Patricia Hill Collins e Conceição Evaristo, o texto recusa a necropolítica do esquecimento para costurar memória, teoria e afetividade, em uma escrita que honra os legados de mulheres negras e reivindica o direito à (auto)nomeação. O punho cerrado de Macala, símbolo de resistência, transforma-se em metáfora central da narrativa, evocando a urgência da manutenção não essencializada do fogo ancestral, da voz e da dignidade negada.

Da força performativa dessa carta, passamos à performatividade da capoeira. “O que pode um corpo dissidente na capoeira?” investiga a performatividade de gênero e sexualidade na capoeira a partir de relatos de capoeiristas LGBTQIA+. A pesquisa de Mateus Schimith e Alessandro Rodrigues utilizou entrevistas estruturadas com quatro capoeiristas LGBTQIA+ que exercem docência em seus grupos, situados em diferentes estados brasileiros. A análise dos relatos evidencia que esses corpos experienciam formas específicas de exclusão e silenciamento, sendo pressionados a ocultar suas identidades como estratégia de sobrevivência. O trabalho conclui que o fortalecimento



da performatividade dissidente na capoeira depende da criação de espaços mais plurais e do enfrentamento das hierarquias simbólicas e materiais que sustentam exclusões históricas. É nesse sentido que a ancestralidade aparece não como mito pacificado, mas como campo de disputa. A libertação exige enfrentar hierarquias simbólicas e materiais que insistem em organizar quem pode gingar no centro da grande roda do mundo.

Essa tensão entre mascaramento e visibilidade reaparece em “Ex-tinto: desmontagem de uma poética autoral negra”. Ao revisitar a trilogia Projeto Córpe, o texto de Rodrigo Augusto de Souza Antero assume a desmontagem como partilha de processo criativo autoral. A máscara branca feita de copos descartáveis na performance analisada evoca Frantz Fanon para denunciar a branquitude estrutural que molda corpos e expectativas. A escrevivência atravessa o diário da pesquisa: não para afirmar um resultado, mas para expor a engrenagem. Desmontar é também recusar a transparência ilusória da cena.

Se desmontar é trabalho crítico e criativo, “Arvorar” propõe um verbo que cresce em sua performatividade. Ao traduzir o *reclaim* mobilizado por Isabelle Stengers como arvorar, em conversa com Bruno Latour e Donna Haraway, Way Pury assume a tradução como prática insurgente. Palavra onça. Tradução feitiço. Imaginação vegetal que brota em perspectivas ameríndias e afrodiaspóricas. Resistir não como reação, mas como enraizamento e brotamento. O texto se afirma, então, como um programa performativo em devir.

Para finalizar esse volume do dossiê, propomos o diálogo com dois artistas da cena: Alexandre Américo e Deisiane Barbosa. Na entrevista com Alexandre Américo realizada por Heloísa Sousa, o projeto *Manifestações da Terra* revela uma dança que escuta paisagens, matérias e ritmos. Com ênfase em referências artísticas e filosóficas afrocentradas, o texto mostra que a dança de Américo redefine alguns conceitos das visualidades da cena, principalmente no que concerne à elaboração dos figurinos como matérias sobre o corpo, desenvolvendo uma prática processual, sem hierarquias e de uma escuta atenta às coisas, às paisagens e suas presenças. Já em “Os movimentos performáticos de Deisiane Barbosa”, Rubens da Cunha apresenta o trabalho de uma artista do Recôncavo Baiano que desenvolve um trabalho multimodal incluindo poesia, escrita de cartas, performances, artes visuais, fotografia, costura e edição de livros. O artigo aborda três projetos artísticos de longa duração da artista: Cartas a Tereza, Andarilha Edições e Casamendoeira, mostrando que a ancestralidade, a memória e o feminismo são elementos centrais em seu trabalho.

A casa reerguida ecoa o tumbeiro reimaginado no início do dossiê. Entre mar e terra, arquivo e fabulação, roda e palco, e o que é dito nos silêncios, este volume apresenta poéticas que não apenas resistem, mas inventam modos de habitar o mundo.

Em tempos de sol artificial, experimento chinês de fusão nuclear que visa a replicar o processo do sol para gerar energia limpa e quase ilimitada, conhecido como EAST (Experimental Advanced Superconducting Tokamak), também vislumbramos os rastros da experiência negra no mundo para além do imaginário colonial que nos foi imposto por séculos. Para além da fuga, pensar



em permanências ao redor do fogo surge como possibilidade provisória de vidas vividas em sua potência máxima até que tudo seja fogo outra vez. Até que tudo seja cinza. Até que tudo renasça como aquele pássaro que Exu acertou ontem com a pedra que só atirou hoje!



Referências

Baldwin, James. *Notas de um filho nativo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

Mbembe, Achille. *Crítica da razão negra*. São Paulo: n-1 edições, 2018.

Sharpe, Christina. *Notas Ordinárias*. São Paulo: Fósforo, 2024.



Biografia acadêmica

Altemar Di Monteiro (Altemar Gomes Monteiro) - Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)
Professor na Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Belas Artes, Departamento de Artes Cênicas, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil.

E-mail: altemargm@yahoo.com.br

Anderson Feliciano da Silva - Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP)

Mestre pela Universidade Federal de Ouro Preto, Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas, Ouro Preto, Minas Gerais, Brasil.

E-mail: anderson.feliciano@aluno.ufop.edu.br

Soraya Martins - Universidade Estadual do Paraná (Unespar)

Professora do curso de Licenciatura em Teatro da Faculdade de Artes do Paraná, na Universidade Estadual do Paraná, Curitiba, Paraná, Brasil.

E-mail: sorayalettras@gmail.com

Direitos autorais

Altemar Di Monteiro, Anderson Feliciano e Soraya Martins

Licenciamento

Este é um artigo distribuído em Acesso Aberto sob os termos da Creative Commons 4.0

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/deed.pt-br>.

